



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO**

LUBEDERU MAIREA JAVAÉ

ETNOTURISMO:

Um estudo do potencial turístico na aldeia boto velho na perspectiva Javaé-TO

PALMAS/TO

2020

LUBEDERU MAIREA JAVAÉ

ETNOTURISMO:

Um estudo do potencial turístico na aldeia boto velho na perspectiva Javaé -TO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas, como exigência à obtenção do grau de formação em Tecnóloga em Gestão de Turismo.

Orientadora: Prof^a. MSc: Ana Jaimile da Cunha.

Co-orientadora: Prof^a. MSc: Jaci Câmara de Albuquerque.

PALMAS/TO

2020

ETNOTURISMO:

Um estudo do potencial turístico na aldeia boto velho na perspectiva Javaé –TO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de CST Gestão de Turismo do Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas, como exigência à obtenção do grau em Gestor de Turismo.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA AVALIADORA

Profª MSc. Ana Jaimile da Cunha
(Orientadora) IFTO – Campus Palmas

Profª DSc. em Ciências Sociais - Wildes Souza Andrade
IFTO – Campus Palmas

José Mendes Gama Júnior
IFTO – Campus Palmas

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força para superar as dificuldades. Pois sei que não é fácil para uma indígena na universidade superar os desafios diários, fora da Aldeia.

Aos meus pais que me apoiaram no estudo e que acreditaram e nunca saíram do meu lado nessa caminhada. Pois tive uma longa caminhada para chegar até aqui.

Ao meu esposo que foi presente enviado por Deus, que sempre me ajudou e me ajuda nos estudos, pois desde o início me apoiou para ingressar na faculdade fazendo com que eu não desista.

Agradeço aos meus professores do curso de Turismo, pelo carinho e respeito, pelos ensinamentos e conhecimento que adquiri na área. Por me fazerem sentir privilegiada por ter sido a primeira estudante indígena do curso. E por acreditarem que como futura Tecnóloga de Gestão de Turismo, levarei minha experiência para realizar uma melhoria na minha comunidade.

Agradeço também aos meus orientadores deste trabalho, Prof^a MSc. Ana Jaimile da Cunha e a Prof^a. MSc. Jaci Câmara de Albuquerque, duas mulheres lindas, inteligentes e divertidas.

E por fim, agradeço por estar finalizando um trabalho maravilhoso, e por está escrevendo sobre Etnoturismo na Aldeia Boto Velho.

RESUMO

A Comunidade de Boto Velho da etnia Javaé, vivem da maior ilha fluvial do mundo, a Ilha do Bananal no Estado de Tocantins. Com seus costumes de modo vida, comidas típicas e festa cultural, (**Hetohoky**), “**casa grande**”. E nessa questão, também se encontra atividade turística na Aldeia Boto Velho onde os indígenas vendem seus artesanatos para os turistas. mais também primando pela interculturalidade a qual se objetivam as trocas entre visitantes e comunidade, onde estas além de promover o conhecimento dos não -indígenas sobre este povo, busca também consolidar a identidade étnica e cultural dos mesmos. Diante disso, A presente pesquisa buscou, objetivo geral é analisar o potencial da atividade turística na comunidade na aldeia de Boto Velho a partir da perspectiva Javaé. Norteou-se pela pesquisa de entrevistas participativa com a comunidade para realizar a potencialidades turísticas. Quer teve 100% do resultado que sim gostariam de trabalhar com turismo. Com isso, Etnoturismo é uma denominação para o segmento do turismo que trata a etnicidade como um produto turístico, conta também que estivesse incentivou dá órgãos públicos ajudaria melhor a entender as atividades turísticas. que gostariam de desenvolver Turismo de base Comunitária para que novas gerações possam cuidar e valorizar futuramente da preservação da cultura javaé. O estudo justifica por ser investido primeira relevância de reconhecimento e da importância da cultura na relação turística à comunidade local, aportando os meios necessário para que essa convivência ocorra em harmonia e benefício de ambos

Palavras-chaves: Comunidade Boto Velho, Etnoturismo e Turismo de base comunitária.

ABSTRACT

The Boto Velho community, of the Javaé ethnic group, lives on the largest river island in the world, an island of Bananal, in the state of Tocantins. With its lifestyle costumes, typical foods and cultural festival (*Hetohoky*), “big house”. And in this matter there is also tourist activity in Aldeia Boto Velho, where the indigenous sell their crafts to tourists. But also seeking interculturality, visa or exchange between visitors and the community, where, in addition to promoting the knowledge of non-indigenous people about this people, they also seek to consolidate their ethnic and cultural identity. Given this, the present research aimed to analyze the potential of tourist activity in the community of the village of Boto Velho, from the perspective of Javaé. It was based on participatory interview research with a community to realize the tourism potential. If you have 100% of the result, I would like to work with tourism. Thus, ethnotourism is a denomination for the tourism segment that treats an ethnicity as a tourism product, and was also encouraged to provide public agencies with a better understanding of tourism activities. I would like to develop the tourism involved for which new threats can use and value in the future the preservation of the Java culture. That this coexistence occurs in harmony and benefit of both

Keywords: Boto Velho Community, Ethnotourism and Community Based Tourism.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Entendimento sobre Turismo.....	29
Gráfico 02 - Sobre a disponibilidade para trabalhar com o Turismo.....	30
Gráfico 03 - Potencial produtivo manifestado pelos Javaés.....	31
Gráfico 04 – Produções já oferecidas pela Aldeia Boto Velho.....	31
Gráfico 05 - Tipo de Serviço oferecido na Aldeia.....	32

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hotel Xingu Refúgio Amazônico.....	24
---	----

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 Etnoturismo - turismo indígena e Ecoturismo	15
2.2 Tocantins e o Etnoturismo	19
2.3 Ilha do Bananal e o Povo Javaé	21
2.4 Etnoturismo em terras brasileiras	23
2.5 Turismo de Base Comunitária-TBC	25
3. METODOLOGIA	27
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
4.1 A visão da comunidade face ao turismo	29
4.2 O funcionamento do turismo na aldeia Boto Velho e o turista que nos visita: Uma coisa só.	33
4.2.1 Sobre o roteiro na Aldeia	33
4.2.2 Pontos críticos para o Etnoturismo na Aldeia	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
ANEXO I - Questionários	38
ANEXO II	42

1. INTRODUÇÃO

O Turismo envolve o consumo complexo da natureza e das tradições e modo de vida das comunidades tradicionais, e dos destinos, pois seus principais atrativos estão localizados em ambientes ricos de recursos naturais e culturais. Sabemos das diversas tipologias do turismo, e algumas buscam vivenciar práticas voltadas ao uso dos recursos naturais e ainda o convívio e valorização das comunidades tradicionais com o Enoturismo. Como nos fala BARRETO (1999):

O turismo é um fenômeno social complexo e diversificado, há diversos tipos de turismo, que podem ser classificados por diferentes critérios como se propõe uma tipologia de turismo.

A comunidade denominada Boto Velha é uma comunidade que pertence a etnia Javaé, que tem 13 aldeias gávea na Ilha do Bananal. Quanto na aldeia Boto Velho a população mostras 157, pois tem mais crianças agora que os mais velhos, com isso a população vem crescendo mais na aldeia Boto Velho.

Neste contexto o Enoturismo aparece, como um tipo de turismo em que os viajantes conhecem de perto a vida, os costumes e a cultura de um determinado povo, especialmente aos povos indígenas. Enoturismo é uma denominação para o segmento do turismo que trata a etnicidade como um produto turístico.

Assim pensou-se com a realização deste projeto, desenvolver um estudo aprofundando na comunidade Boto Velho, com resgate cultural, no sentido de poder contribuir na manutenção das tradições culturais, bem como na continuidade das etnias dos povos javaé e karajá. Que as tradições estão se perdendo quando os moradores da comunidade se deslocam para as cidades de maior parte, retornando para aldeia com outros hábitos e atitudes, principalmente jovens que estudam na cidade, e também não querem voltar à aldeia, ficam desinteressados pela cultura e de sua origem e pela linguagem materna. E para isso teve como problemática deste projeto: Qual a percepção da comunidade indígena Boto Velho em relação a atividade turística na localidade?

O Turismo já é praticado na comunidade de Boto Velho, localizado na região turística Ilha do Bananal, porém de forma desorganizado, maior interesse percebido

na comunidade quando da visitação dos turistas é conhecer como vivem atualmente os indígenas, vivenciar seu cotidiano como produzem artesanatos e seus alimentos que adquirem. Segundo Paiva (2015, p. 150)

Atualmente os povos indígenas brasileiros se empenham para a emergência de uma nova consciência de cidadania e de participação social e política, com o objetivo de assegurar seus direitos e autonomia.

Entre tais direitos há o dever do Estado de preservar suas culturas (as indígenas), seu patrimônio cultural (dos povos indígenas). Pois isso se acredita, porque é o direito fundamental de todos a um ambiente harmônico e equilibrado, um fundamental para a manutenção da vida humana, existe concilia a dimensões culturais, geralmente imateriais. Ou seja, tem o Estado o dever de preservar e fomentar o patrimônio cultural indígena, pois tal patrimônio integra a diversidade constituidora do ambiente/ sociedade brasileiro (a).

O direito à informação se apresenta [...] como pedra fundamental para a promoção da tutela de interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos, notadamente os relacionados ao patrimônio público [...], Afimar (RANGEL, 2014, n. p.) e, no caso do assunto aqui abordado, sabemos que são os povos indígenas e suas culturas, além de um patrimônio cultural do Brasil, um verdadeiro patrimônio público. Ou seja, são os indígenas elementos baldrâmicos de nosso sistema cultural híbrido, multireferenciado, heterogêneo e, principalmente, pertencente a todos nós, indistintamente. Não que sejamos donos dos povos Indígenas. Ocorre que devemos relevar a existência deles como uma honra, um presente para todos nós, pois remetem às nossas origens.

E assim podemos entender o Etnoturismo, como um tipo de turismo em que os viajantes conhecem de perto a vida, os costumes e a cultura de um determinado povo, especialmente povos indígenas. Etnoturismo é uma denominação para o segmento do turismo que trata a etnicidade como um produto turístico.

No Brasil o Etnoturismo ou turismo indígena é uma prática de turismo desenvolvida nas comunidades indígena que passa a ser disciplinado pela Instrução Normativa Nº 3 da FUNAI em julho de 2015. De acordo com a fundação, as

comunidades indígenas têm autonomia para explorar projetos de turismo em seus territórios, cabendo ao poder público o papel de monitorar e fiscalizar as atividades nas aldeias. As visitas são agendadas com os próprios representantes das comunidades ou agências de turismo autorizadas por eles.

Sabe-se da prática da modalidade do Etnoturismo em estados brasileiros, onde esta prática tem como objetivo valorizar e preservar a cultura dos povos indígenas. Desta maneira, atividade turística voltada ao turismo indígena pode ser também um fator de desenvolvimento para o estado do Tocantins, bem como para as comunidades indígenas presentes no estado, representadas por sete etnias: karajá, xambioá e javaé (que formam o povo *Iny*) e os Xeretes, krahô-canela, apinayé e pankararu. Todos com a cultura e tradições muito bem preservadas.

O presente trabalho tem como propósito, desenvolver um estudo aprofundado na comunidade Boto Velho, com o objetivo de identificar a situação atual da atividade turística, no sentido de poder contribuir na manutenção das tradições culturais, bem como na continuidade das etnias dos povos javaés e karajá. Observa-se que muitas destas tradições estão se perdendo quando moradores da comunidade se deslocam para as cidades de maior porte, retornando com outros hábitos e atitudes, muitas delas percebidas na fala e na vontade de residir em localidades mais estruturadas pela falta de acesso à educação e serviços na comunidade, mesmo assim alguns indígenas da comunidade Boto Velho, estudam fora. Muitos deles não querem voltar para a aldeia, ficam desinteressados pela a cultura e sua origem e principalmente pela linguagem materna.

O turismo já é praticado na comunidade de Boto Velho, localizado na Região turística Ilha do Bananal, porém de forma desorganizada, O maior interesse percebido na comunidade quando da visita dos turistas é em conhecer como vivem atualmente os indígenas, vivenciar seu cotidiano e obter artigos produzidos pelos mesmos, como o artesanato e a gastronomia.

Acredita-se que este turismo ou esta atividade é desenvolvido com o apoio de alguns guias e agências de Palmas, que através de contato telefônico repassam à comunidade a chegada de visitantes.

A atividade turística no Boto Velho tem ainda o aparato da gestão estadual com a criação do Projeto BRA 13/09 que trata da Implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas, seguindo critérios do PNUD, tendo como objetivo elaborar um mapeamento das atividades turísticas em andamento na Ilha do bananal (Parque Indígena do Araguaia, Terra Indígena *Inãwébohona* - incluída, a área sobreposta do Parque Araguaia). Os trabalhos deste projeto incluem: apresentação da proposta a FUNAI, oficinas com quatro representantes da aldeia envolvendo o NATURATINS E ICMBio, metodologia utilizada, seminários, visitação nas comunidades entre outros.

Assim este projeto focado na atividade do Enoturismo, tem como objetivo central entender a atividade turística na Ilha do Bananal, na intenção de tornar a atividade turística na localidade mais visível e rentável e ao mesmo tempo valorizar e mostrar que a cultura, pode gerar renda e a permanência dos índios na comunidade. A pesquisa será realizada nos meses de julho e agosto, com a comunidade indígena de Boto Velho.

Com a pesquisa realizada na aldeia, deparou-se com a realidade da comunidade, identificando assim, seus potenciais atrativos a serem trabalhados turisticamente, porém este deveria ser planejado de forma participativa, mediante a necessidade de aprofundar as discussões acerca desta temática, direcionando-o para a construção da dissertação, dessa forma, a realização de novas consultas à comunidade para aprofundar o debate.

Com a implementação de política pública do Estado do Tocantins junto à Agência de Desenvolvimento do turismo, cultural e economia criativa (ADETUC), e a Fundação Nacional do índio (FUNAI), em parceria, visando fomentar a atividade do turismo de forma organizada, conforme a legislação para geração de renda e melhoria da qualidade de vida dos povos indígenas.

Nesse contexto incluir, ilha do bananal, onde os povos indígenas da tribo Karajá e Javaé se encontram. Através disso, a importância de trabalhar com objetivo de melhorar renda para a comunidade através de turismo de base comunitária, a partir de plano de visitação para terras indígenas. Uma delas está em plano de visitação turística a aldeia Boto Velho, localizado no município de Pium e Lagoa da confusão.

A atividade turística é praticada de diversas formas e podemos dizer que o setor tem diversas tipologias, uma delas, o etnoturismo, ou seja, a atividade que é praticada em terras indígenas, cujo foco está na busca da vivência e da valorização da cultura, as tradições e dos costumes, é na verdade o momento em que se obtém experiência de modos de vida das comunidades ditas tradicionais.

Na aldeia Boto Velho, a atividade turística já é realizada, porém de forma amadora, porém observa-se um cenário com fortes tendências de ser reconhecida como uma atividade turística com demanda real, devido à presença de um rico e considerável conjunto de atrativos naturais e culturais que podem levar para comunidade, melhores condições e qualidade de vida.

Neste sentido, o que queremos compreender de que forma podemos trabalhar o turismo de forma organizada na localidade, na esperança de fazer com que o turismo possa ser uma atividade que favoreça a todos na comunidade.

As atividades turísticas que valorizam a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos vêm aumentando atualmente.

Nos últimos anos é crescente o interesse na pesquisa que tem como tema o turismo em terras indígenas, denominado de etnoturismo, dentro do turismo e outras ciências humanas e sociais. O motivo do interesse pela temática se amplia à medida que se observa nesta modalidade de turismo, sua expansão e a forma de favorecer a valorização da identidade, das memórias locais.

O ecoturismo visto sob a ótica do ecoturismo busca vivenciar as raízes, a contemplação de belezas naturais, e na cultura, se configurando como elementos/objetos importantes para prática do turismo, valorizando a memória, a história do lugar.

A comunidade Boto Velho, localizada do Bananal, Ilha fluvial do Rio Araguaia, numa região que compreende as fronteiras entre os estados de Tocantins, Mato Grosso e Goiás, podem de certa forma se apropriar da atividade turística, pois se constituem de um cenário de beleza cênica com um rico acervo cultural, simbolizando a identidade cultural do povo indígena Javaé.

O estudo de justifica ainda pelo resultado de significância e de reconhecimento e da importância da cultura na relação turística e comunidade local, aportando os meios necessários para que essa convivência ocorra em harmonia e em benefício de ambos.

Neste sentido a escolha da temática Etnoturismo da Aldeia Boto Velho, como objetivo de estudo, é pessoal e partiu pelo fato de como fazer parte desta da comunidade do Boto Velho, e ainda pensando em contribuir na comunidade enquanto Tecnólogo em Gestão de Turismo. Acredita-se que o estudo será de relevância para as comunidades, as instituições públicas que tratam das comunidades indígenas, a academia e por último, o mercado que de certa forma vai se beneficiar com os dados obtidos na referida pesquisa.

Essa pesquisa tem objetivo geral de analisar o potencial da atividade turística na comunidade na aldeia de Boto Velho a partir da perspectiva Javaé. Tendo Objetivos Específicos em identificar como se dá o funcionamento do turismo na Aldeia Boto Velho e conhecer a visão da comunidade face ao turismo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Etnoturismo - turismo indígena e Ecoturismo

O turismo étnico ou indígena vem tomando força em nível internacional e nacional com propostas de valorização da cultura indígena e com aumento de pesquisas científicas sobre este campo de estudo. Weaver (2010) comenta que as pesquisas sobre turismo indígena têm crescido em diversos países, tais como Nova Zelândia, na Austrália, no Canadá e nos Estados Unidos, entretanto, ainda são poucos os estudos realizados na América do Sul.

No Brasil, no ano de 2007, o Ministério do Turismo associou o turismo étnico aos segmentos do turismo cultural, ecoturismo, turismo de aventura, turismo náutico, turismo de pesca, turismo de esportes, turismo social, turismo de estudos e intercâmbio, turismo de sol e praia, turismo de negócios e eventos, turismo rural e turismo de saúde (Brasil, 2007). Nota-se que, entre os segmentos priorizados, não está contemplado o turismo indígena, apesar de existirem diversas iniciativas espalhadas pelo país.

Em junho de 2015, a FUNAI, Fundação Nacional do Índio, através na Instrução Normativa nº 3, estabelece normas e diretrizes relativas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas, considerando o dispositivo no Decreto nº 5.051/2004, que institui a Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas, a qual prevê no Eixo V, “g”:

O apoio a iniciativas indígenas sustentáveis do etnoturismo e de ecoturismo, respeitada a decisão da comunidade e da diversidade dos povos indígenas, promovendo-se, quando couber, estudos dessas atividades DOU (2015).

O documento no capítulo I, Art.1º estabelece as normas para visitação com fins turísticos em terras indígenas, de base comunitária e sustentável, nos segmentos de Enoturismo e Ecoturismo. Ainda assim no At. 2º apresenta os objetivos da visitação a valorização e a promoção da sociodiversidade e da biodiversidade por meio da interação como os povos indígenas, suas culturas materiais, imateriais e o meio ambiente, visando à geração de renda, respeitando-se a privacidade e a intimidade dos indivíduos, das famílias e dos povos indígenas, nos termos por eles estabelecidos.

É assim que podemos desenvolver a atividade do etnoturismo em terras brasileiras e dessa forma passar a entender o que de fato vem a ser o etnoturismo. que de acordo com Faria (2008), o Enoturismo é um tipo de turismo em que os viajantes conhecem de perto a vida, os costumes e a cultura de um determinado povo, especialmente povos indígenas.

O Turismo étnico é definido por Swain (1989) como o “tipo de turismo que se refere ao marketing das atrações turísticas inspiradas no modo de vida indígena”, enquanto para Wood (op.cit.p.361) “Turismo étnico poderia ser definido pelo seu foco direto sobre pessoas vivendo uma identidade cultural cuja singularidade está sendo comprada por turistas”.

O Turismo étnico, citado acima, acaba por banalizar a cultura, transformando - a em produto de massa e mercantilizando os indivíduos em sua coletividade. No turismo étnico, o nativo não está simplesmente lá para servir as necessidades dos

turistas; está ele mesmo “em exposição”, um espetáculo vivo a ser recrutado, fotografado (VAN DEN BERGHE, 1984).

Neste trabalho não iremos nos ater a este tipo de definição, pois a proposta é de valorização e de promoção das tradições e uma maior visibilidade da cultura do indígena, com a preocupação ainda em não provocar impactos negativos na mesma. Pois, alguns não aceitam que tire fotografias sem autorização tendo um ponto negativo.

Ainda na opinião de Van Den Berghe (1994), o “turismo étnico representa a última onda de expansão do capitalismo explorador para a mais remota periferia do sistema mundial [...]”. Povos do Quarto Mundo que foram primeiro repelidos para regiões de refúgio – as ‘reservas nativas’ dos colonizados – estão agora sendo ‘redescobertos’ como um recurso – e é justamente dessa forma que indígenas sob “extrema marginalização” se tornaram “uma atração turística primordial para afluentes viajantes do Primeiro Mundo em busca do outro primitivo, autêntico” (VAN DEN BERGHE, 1995).

Embora este tipo de turismo étnico, criticado por Van Den Berghe, ainda seja majoritário no mundo, o Ministério do Turismo definiu que “Turismo Étnico constitui-se das atividades turísticas decorrentes da busca de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos”, opondo-se a ideia da mercantilização da cultura e dos grupos étnicos.

Nesse tipo de turismo, o turista busca estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Muitas vezes, essas atividades articulam-se com uma busca pelas próprias origens do turista, em um retorno às tradições de seus antepassados (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2005).

Na concepção de o turismo étnico é inspirado na diversidade dos povos com suas identidades específicas, sendo desenvolvido não exclusivamente por eles, ou seja, ainda ocorre a representação destas identidades étnicas por outros grupos da sociedade nacional, fato que justificaria, em partes, o caráter comercial da atividade.

Também não é desenvolvido prioritariamente pelos povos indígenas, pois de forma equivocada a sociedade nacional ainda relaciona o prefixo “etno” apenas aos povos indígenas, esquecendo que no Brasil existem outras nações e identidade étnicas reconstruídas, como os quilombolas, italianos, alemães, pomeranos etc (FARIA, 2007).

No turismo étnico realizado sob a inspiração da cultura indígena, por alguns grupos da sociedade nacional, o povo indígena representado deveria ter participação no processo de gestão ou no recebimento de *royalties* (ao respectivo povo), pois se trata de um patrimônio cultural de propriedade coletiva que estará sendo usado. Para isso, as organizações indígenas, com o apoio da FUNAI, deveriam registrar devidamente seu patrimônio cultural material e imaterial junto ao Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Órgão governamental ligado ao ministério da cultura.

O turismo indígena, como o nome sugere, é o turismo desenvolvido nos limites das terras indígenas ou fora deles com base na identidade cultural e no controle da gestão pelo povo/comunidade indígena envolvida. É a forma de divulgar suas culturas como valorização da identidade e algum ganho econômico, sem mercantiliza-la, fora dos limites da terra indígena (SWAIN, 1989).

O fato de povos e comunidades indígenas desenvolverem atividades turísticas fora dos limites de suas terras não desqualifica o tipo de turismo e nem os valores culturais ou sua identidade, pois a cultura e a identidade permanecem com eles. Pode ser realizado nos núcleos populacionais, meio urbano ou rural, de modo que não afete negativamente a cultura dos povos e comunidades envolvidos por meio de várias estratégias que deverão ser pensadas e planejadas junto com a comunidade, técnicos entidades indígenas, indigenistas e ambientalistas (FARIA 2007 p. 46).

Denominamos ecoturismo indígena o ecoturismo promovido dentro dos limites das terras indígenas através do planejamento/gestão participativa e comunitária, respeitando os valores sociais, culturais e ambientais dos diferentes povos envolvidos em que a comunidade é a principal beneficiada.

Diante disso, o ecoturismo é a modalidade turística mais adequada a ser desenvolvida nas terras indígenas, tendo em vista o planejamento e gestão participativa e comunitária dos povos/comunidade indígena envolvida, pois respeita e valoriza a organização sociopolítica e cultural milenar dos povos, ao mesmo tempo em que promove a interação entre natureza e comunidade em bases sustentável e conservacionista do patrimônio natural e cultural indígena, proporcionando melhoria na qualidade de vida minimizando os impactos indesejáveis à sua territorialidade, pois passam a controlar os instrumentos de transformação da sociedade vigente (FARIA p. 47, 2007).

O ecoturismo que passamos a conhecer data de 1991 com a seguinte definição:

Turismo desenvolvido em localidades com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística com o meio ambiente, bem como oferecer aos turistas um contato íntimo como recursos naturais e culturais da região, buscando a formação de uma consciência ecológica EMBRATUR (1991)

Já em 1994, por meio de documento “Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo” oferece outra definição:

Segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural, incentiva a sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas EMBRATUR (1994)

Mediante isso, é possível perceber que nos dois momentos a cultura está inserida nas definições e ainda passam a contemplam a sustentabilidade, que pode ser entendida como sustentação, cuidado e conservação, temas ligados a questão do Etnoturismo.

2.2 Tocantins e o Etnoturismo

O estado do Tocantins está situado a sudeste da Região Norte, tendo como limites o Maranhão a nordeste, o Piauí a leste, a Bahia a sudeste, Goiás a sul, Mato Grosso a sudoeste e o Pará a noroeste. O estado apresenta características climáticas e físicas tanto da zona central do Brasil quanto da Amazônia.

Criado pela Constituição de 1988 determinou a divisão do Estado de Goiás (parte norte e central). Sua economia é baseada no comércio, na agricultura, na pecuária e criações. Com um número de habitantes, populacional de aproximadamente 1.555,299 habitantes (IBGE 2018) e uma área de 277,858 km², o estado tem sua economia baseada na agricultura (arroz, milho, feijão, soja, melancia), pecuária e criações. No setor terciário suas principais atividades estão concentradas em Palmas e também nos municípios localizados às margens da Rodovia Belém Brasília.

O turismo do estado está em fase de desenvolvimento, pois se apresenta com um rico potencial natural e cultural. As sete regiões turísticas são denominados (Encantos do Jalapão, Serras e Lago, Praias e Lagos do Cantão, Bico do Papagaio, Ilha do Bananal, Serra Gerais, Vale dos Grandes Rios), estas composta por uma variedade de manifestações culturais e tradições moldadas principalmente pela fé e religiosidade e ainda atrativos para todos os segmentos de turismo com a presença de rios, cachoeiras, lagos, praias, serras, cânions, cavernas, grande diversidade de flora e fauna e presença de uma cultura com influência ainda preservada de povos tradicionais, e ainda a gastronomia que valoriza produtos locais.

Foi com a construção de um projeto de desenvolvimento entre a Controladoria Geral do estado e a Secretaria de Desenvolvimento do etnoturismo para as aldeias indígenas da Ilha do Bananal no dia 11 de março de 2019 que foi discutido a atividade turística de desenvolver etnoturismo nas terras indígenas (santa Isabel, aldeia dos karajá e boto velho e javaé), para em encontro. estratégias e lideranças indígenas da Ilha do Bananal.

Este encontro é resultado da vontade dos indígenas de desenvolverem uma atividade que possa gerar renda para essas comunidades. Os líderes indígenas de algumas aldeias Javaé se posicionaram sobre a expectativa em relação ao desenvolvimento do turismo nas comunidades, com o discurso de que acreditam que as aldeias têm capacidade de desenvolver atividades ligadas ao ecoturismo, etnoturismo, observação de aves e até à pesca esportiva.

Para eles o turismo vai contribuir para que outras atividades de importância econômica como o artesanato, agricultura e piscicultura se desenvolvam nas

aldeias. A proposta inicial é que seja desenvolvido um plano geral e, a partir daí, cada aldeia desenvolva seu projeto de turismo levando em conta a sua especificidade.

Do encontro resultou um documento Projeto BRA 13/019: Implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas, documento este que fará parte da pesquisa documental a ser inserida no trabalho final.

2.3 Ilha do Bananal e o Povo Javaé

A Ilha do Bananal, considerada a maior ilha fluvial do mundo, localiza-se no estado do Tocantins, em uma área de transição entre cerrado e a floresta amazônica, e é constituída de inúmeros rios e lagos, savanas inundáveis (conhecidas regionalmente como “varejão”), em sua maior parte, e matas de galerias. Seu território possui cerca de 2 mil hectares e é coberto pelas águas do Araguaia em quase sua totalidade durante a estação cheia, distribuídos em uma área de aproximadamente 322 km de extensão por 81 de largura nos pontos mais extremos. “Originalmente chamada de “Ilha de Sant’Anna”, nome dado pelo Alferes Pinto da Fonseca em 1775, a Ilha do Bananal é conhecida pelos javaé como Iny ólóna, “o lugar de onde surgiram (ou saíram de baixo) os humanos”, ou Ijata ólóna,” o lugar de onde surgiu o bananal nativo, que a origem é atribuída aos parentes míticos do ancestral *Tólóra*, ao lado do atual Lago do Bananal.

A Ilha está no centro do território de ocupação imemorial dos karajá e javaé e é formada a oeste pelo rio Javaés ou “braço menor” do Araguaia, conhecidos nos séculos 18 e 19 como “Furo do Bananal”. Segundo a mitologia javaé, o povo javaé atual foi formado por ancestrais míticos de origem diversa, tendo destaque o povo de *Tólóra*, que ascendeu junto à aldeia Marani *hãwa*, e o povo *wèrè*, que ascendeu no lago *bòra* (ou lago do Aristóteles) e no lago *bèlybyranõra*. A ilha do bananal faz parte da divisa do Tocantins com os estados do Mato Grosso (no rio Araguaia) e de Goiás (na porção sul do Rio Javaés). Ao meio, em seu sentido longitudinal, a ilha do bananal é dividida pelos rios jaburu (*ikòrò bero*) e riozinho (*wabe* ou *wabewo*), que atuam como limites naturais entre o território karajá, a oeste, e o javaé, a leste.

Pois a palavra “karajá seria de origem Tupi-Guarani, com o significado de “Mono grande” (o macaco guariba), e provavelmente foi atribuída ao povo em questão pelos bandeirantes, segundo BALDUS (1948:17). O nome “javaé” ou “javaés” é uma palavra de origem desconhecida. Mas o principal etnônimo, a relação da tribo, refere-se apenas aos Karajá e Javaé pois utilizam o termo *Iny*, palavra que significa “gente” ou “ser humano”. com sentido mais amplo, todos os seres humanos, incluindo os não-índios, são *iny* (com palavra minúscula), que a, semelhanças em termo de língua, organização social, rituais, mitologia, cosmologia (ramo que estuda a origem, a estrutura e a evolução do universo a partir da aplicação de métodos científicos), mais o povo javaé têm diferentes histórica e culturais do que os karajá.

Discutida por Carneiro da Cunha (1987), com referência aos trabalhos de Barth (1969) e Cardoso de Oliveira (1976), que os javaé enfatizam muito mais as diferenças e que concebem a si próprios como um grupo étnico diferente dos karajá. As aldeias javaé são autônomas em relação às outras, cabendo aos habitantes de cada uma o direito de pesca, caça e coleta em um determinado território circundante (*hãwa*), o que inclui os lagos e rios específicos da região.

Para que entendamos melhor entre karajá e Javaé praticam diversas manifestações culturais entre elas o complexo ritual de iniciação masculina o (*Hetohoky*), “casa grande”. O *Hetohoky* javaé , por exemplo, evento do ritual é anual da dança dos aruanãs, que é realizado quase todos os anos, em todas as aldeias, com isso é realizado na comunidade com os meninos na fase da adolescência dando significado ao início da sua vida adulta sexual este ritual, faz parte até hoje das manifestações na comunidade, sendo praticado em todas as gerações, como o ritual é realizado entre os dois grupos que o ritual javaé é quase um outro ritual em comparação ao dos karajá.

Essa festa tradicional se mantém como uma forma de manter a história do povo javaé com muita valorização e respeito pelo ritual. A cultura javaé manter com a dança de aruanãs, desde que os humanos de baixo ascenderam do fundo das águas, os xamãs e a coletividade masculina responsabilizam-se em trazer, todos os anos, os aruanãs (*irasó*) - ancestrais que permaneceram morando no nível subaquático, em sua maioria para conhecer o mundo “aqui de fora” e suas comidas diferentes.

Pois cada aruanã é uma dupla de personagens rituais quase idênticos, que é “entregue” ritualmente a um casal com filhos, como um presente honrado, para que este se responsabilize por sua alimentação durante todo um ciclo anual, o qual se dá, em geral, paralelamente à estação das chuvas. Os *aruanãs* são considerados como um “bem de valor” (*nohõ*) e são transmitidos dentro das famílias, ao longo do tempo, também cada dupla de aruanãs canta e dança músicas próprias durante todo ciclo cerimonial, que é composto por uma série de jogos rituais entre homens e mulheres e, principalmente, de “refeições/ oferendas rituais coletivas” (*xiwè*) dentro da casa dos homens.

A casa dos homens e o centro da reciprocidade ritual estão situadas no “meio da aldeia” (*itya*) por ser concebida como o principal lugar de mediação entre os afins. Na hora da grande festa, Todos os javaé filiam-se a um dos dois grupos rituais (ou metades cerimoniais) - os *sauras* (“macaco prego”) e os *hiretu* (“Gavião carcará”) - de acordo com a linha de descendência materna. que são grupos de origem mítica e de importante atuação nos jogos rituais e na cerimônia de iniciação masculina.

2.4 Etnoturismo em terras brasileiras

A atividade do Etnoturismo no Brasil ocorre em alguns destinos com a presença de outras tipologias, como turismo de sol e mar, eventos, negócio, cultural entre outros. Podemos citar como exemplo o Etnoturismo desenvolvido no Estado da Bahia, especificamente na região de Porto Seguro, ao sul da Bahia, que bastante procurada por visitantes de todo o país, e também por estrangeiros, pois reúne diversos atrativos turísticos, principalmente os naturais, com a combinação de praia e sol.

Perto dali, ao pé do Monte Pascoal, está localizada a aldeia Pataxó. Assim como outras etnias, a aldeia Pataxó preserva seus rituais, realizados quase sempre em ocasiões especiais. Um dos rituais é acender um cachimbo para proteger contra os maus espíritos.

Para Huizinga (1993). O homem primitivo procura, através do mito, dar conta do mundo dos fenômenos atribuindo a este um fundamento divino. Em todas as caprichosas invenções da mitologia, há um espírito fantasista que joga no extremo limite entre a brincadeira e a seriedade.

O Ecoturismo acompanhou o desenvolvimento da atividade turística na região. A aldeia também se transformou num atrativo turístico, fazendo com que seus hábitos e rituais ganhassem um novo significado. A apresentação dos costumes indígenas aos turistas surgiu em debates e trabalhos na escola da própria aldeia. Com a autorização do cacique, vinte e nove participantes indígenas formaram um grupo cultural e montaram oito ocas para atender os turistas.

Ainda assim as tradições do povo indígena passaram a fazer parte do turismo, como a tradição indígena do cachimbo que é mostrada aos turistas por um jovem pataxó. A “apresentação” continua depois em outra oca, quando outro jovem explica a preparação da moqueca de samucanda, um peixe da região que é assado numa folha de palmeira. Após, os visitantes participam da dança do awê, que celebra a paz o amor e a união e prova o cauim, bebida alcoólica fermentada de mandioca. Além de mostrar suas tradições, o Pataxó tem ainda a oportunidade de vender seus artesanatos, garantindo assim o seu sustento e sobrevivência.

Outro exemplo de exploração da cultura indígena pelo turismo é o apresentado no Alto Xingu. Nesta região encontra-se o Parque Nacional do Xingu, localizado no Estado do Mato Grosso, a 530 km de Cuiabá. O parque conta com trinta aldeias, com cinco mil habitantes de quinze diferentes etnias. Próximo do parque foi construído um empreendimento turístico hoteleiro, chamado Xingu Refúgio Amazônico (Figura 1).

Figura 1 - Hotel Xingu Refúgio Amazônico



Fonte: Cuiket

O município de Rio Negro localizado no estado da Amazônia, também tem atividades voltadas ao Etnoturismo. A ideia é realizar a convivência com diferentes modos de povos gerando assim uma experiência transformadora. A riqueza e variedade de experiências oferecidas pelos povos indígenas na localidade é tão imensurável quanto suas idiossincrasias, comparando-se apenas à capilaridade de sua presença no território brasileiro. Essa iniciativa de turismo na Amazônia, tem chamado atenção ao refletir essa diversidade nas Serras Guerreiras de Tapuruquarda, com a presença de oito povos na região - Baniwa, Baré, Desana, Dow, Kauyawí, Piratapuya, Tariana, Tukano.

No Paraíba, especificamente na Aldeia de Tramataí, de acordo com o projeto Cooperar da Paraíba (2007), as principais atividades desenvolvidas na localidade são: a pesca marinha; a agricultura de subsistência (milho, feijão, mandioca, macaxeira, inhame e frutas); a criação de animais em pequena escala; o plantio comercial de cana-de-açúcar, geralmente em terras arrendadas para as usinas; a criação de camarões em viveiro; o assalariamento rural; as aposentadorias dos idosos e o funcionalismo público, com destaque para as prefeituras.

O Etnoturismo está sendo visto como uma atividade econômica a ser desenvolvida e mais precisamente incrementada na localidade, já que de uma forma mais branda, esta atividade já é desenvolvida. Nesse aspecto o ecoturismo pode servir como uma atividade econômica sustentável se for bem administrada pelos órgãos gestores da APA e pela comunidade local.

Podemos observar que diversos destinos tem a vocação para prática do Etnoturismo no Brasil, acredita-se que pela forma de dar continuidade e valorar a cultura dos povos e ainda a ideia de se inserirem na dinâmica da atividade, associando o turismo as suas atividades econômicas.

2.5 Turismo de Base Comunitária-TBC

O fomento às iniciativas de TBC ao mobilizar, organizar e fortalecer os atores locais residentes de destinos para a gestão e a oferta de bens e serviços turísticos visa tanto atrair turistas que demandam especificamente este segmento turístico, como agregar valor a destinos turísticos de cunho mais tradicional, por meio da

oferta deste segmento, cujos elementos de preservação e valorização da cultura local, sua identidade e produção são de interesse dos visitantes.

A interação entre a comunidade fortalecida em todos os aspectos da sustentabilidade e os visitantes externos é que pode gerar ganhos de bem-estar para a população local, assim como na experiência do visitante.

O produto turístico de base comunitária se diferencia por incorporar o modo de viver e de representar o mundo da comunidade anfitriã. Desta forma, prevê na sua essência um intercâmbio cultural com a oferta dos produtos e serviços turísticos, em que há oportunidade para o visitante vivenciar uma cultura diferente da sua e à comunidade local de se beneficiar com as oportunidades econômicas geradas e também pelo intercâmbio cultural.

Ao considerar a organização da produção turística com base territorial e protagonizado pelas comunidades locais, o apoio às iniciativas de TBC visa:

- Contribuir para a geração de emprego e renda locais;
- Fortalecer a governança local, em articulação com os demais atores envolvidos na atividade turística;
- Diminuir os vazamentos de renda e fomentar o adensamento do mercado local;
- Estruturar este segmento turístico, face à crescente demanda turística em níveis nacional e internacional;
- Agregar valor a destinos turísticos, por meio da diversificação dos segmentos a serem ofertados;
- Promover padrões de qualidade e de segurança da experiência turística, tanto para a comunidade anfitriã quanto para os visitantes.

É importante ressaltar que, para o alcance destes objetivos, é necessário obter um grau de qualidade na oferta de produtos e serviços turísticos que viabilizem a venda destes, bem como a sua consolidação no mercado. Este pressuposto orientou a formatação do Edital de Chamada Pública, ao definir linhas temáticas de apoio

como a estruturação, promoção e comercialização, de acordo com a singularidade deste segmento.

3. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, utilizou-se da pesquisa de campo qualitativa, um questionário para a comunidade da Aldeia Boto Velho um levantamento sobre conhecimento da atividade de turismo. Que se encontrar atividades turísticas no local, que a comunidade tem interesse de desenvolver com esse tipo de turismo. Mas não só mostra no papel e sim levar um informações de onde todos possam participar juntos, como palestras ou aula de turismo por uma semana, com isso entendendo melhor na área de turismo.

Segundo Chizzotti apud Britto (2005), a metodologia científica ensina um caminho para chegar a um fim científico. Ela corresponde a um conjunto de procedimentos a serem utilizados na obtenção do conhecimento. É a aplicação do método através de técnicas que garantem a legitimidade do saber obtido. A metodologia deve ser escolhida com base no objeto de estudo, nas informações a serem extraídas, e na abordagem que será aplicada. Por esta razão, o pesquisador precisa utilizar métodos cientificamente aceitos e assim desenvolver um trabalho com qualidade, que seja capaz de imprimir confiança e aquisição do conhecimento científico por parte do leitor.

Gil (1996) indica que o estudo pode ser caracterizado quanto aos objetivos, a forma de abordagem e aos procedimentos técnicos. Lakatos e Marconi (1987) reforçam que a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento técnico ou científico, e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Ou seja, além do conhecimento construído durante a pesquisa científica é necessário que o autor desenvolva uma postura crítica baseada na compreensão e interpretação do tema estudado.

Para a realização dessa pesquisa será utilizado o método exploratório descritivo com abordagem qualitativa. Realizaremos pesquisa documental, que é uma técnica decisiva para pesquisa em ciências humanas, realizada a partir de documentos,

contemporâneos ou respectivos, considerados autênticos. Sobre a pesquisa documental pode-se dizer que:

A pesquisa documental permite a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender em fato social. Estudar documentos implica fazê-lo a partir do ponto de vista de quem o produziu isso requer cuidado e perícia por parte do pesquisador para não comprometer a validade do seu estudo (SILVA *et al*, 2009, p. 457)

E acordo com Gonçalves (2001, p. 67): A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Para Ventura (2002) a pesquisa de campo deve merecer grande atenção, pois devem ser indicados os critérios de escolha da amostragem (das pessoas que serão escolhidas como exemplares de certa situação), a forma pela qual serão coletados os dados e os critérios de análise dos dados obtidos.

Para chegar ao resultado desejado, foi aplicado questionário semiestruturado com os moradores, tendo como amostra os membros que já desenvolvem a atividade na comunidade Boto Velho, no sentido de obter informações sobre a atividade do etnoturismo, bem como Aldeia está preparada para receber turistas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa foi realizada na Aldeia Boto Velho, onde os moradores tiveram a oportunidade de apresentar a sua perspectiva em relação à sua percepção face ao turismo. Inicialmente, foram aplicados 30 questionários de perguntas abertas e fechadas, que serviu de base para compreender o olhar da comunidade sobre as possibilidades do etnoturismo e o que ele tem a oferecer.

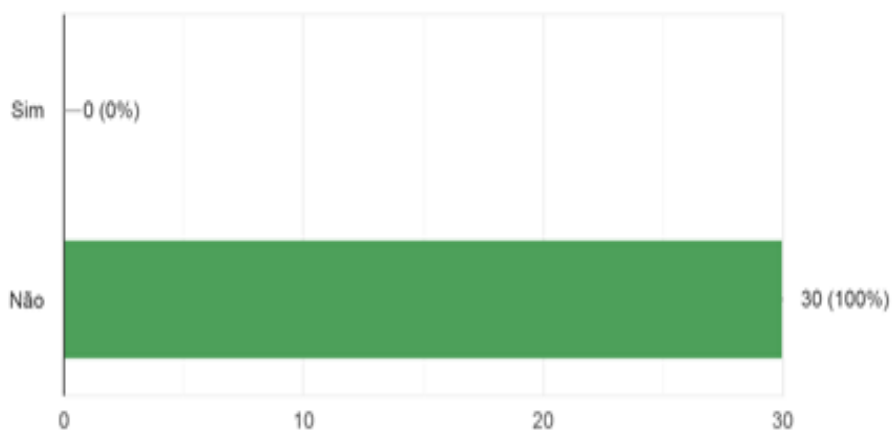
4.1 A visão da comunidade face ao turismo

Quando perguntados se conheciam o turismo, a pesquisa revelou que a grande maioria dos moradores, representados por 100% dos entrevistados, disse que não sabem o que é turismo. Isso indica que faltam órgãos públicos para levarem o conhecimento do turismo na comunidade para capacitação, pois querem entender melhor do assunto de Etnoturismo.

Gráfico 01 - Entendimento sobre Turismo

1. Você sabe o que é turismo?

30 respostas



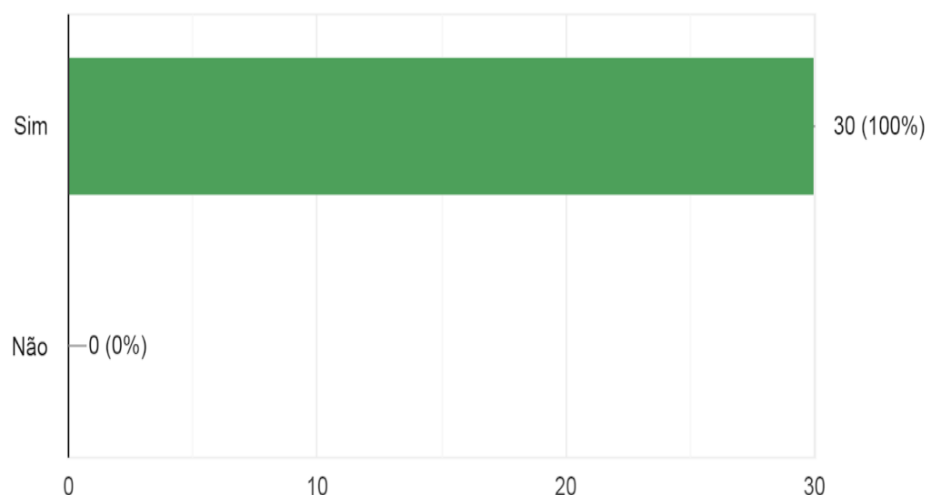
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Se por um lado a comunidade desconhece o significado do turismo, por outro ela afirma em 100% dos casos que gostaria de receber os visitantes que chegam à Aldeia. O que significa que a comunidade está aberta a desenvolver o etnoturismo pois acreditam que podem melhorar, principalmente porque creem que a partir da venda de produtos de artesanatos poderiam ajudar na renda de casa.

Gráfico 02. Sobre a disponibilidade para trabalhar com o Turismo

5. Você gostaria de trabalhar com algum serviço para receber bem o turista?

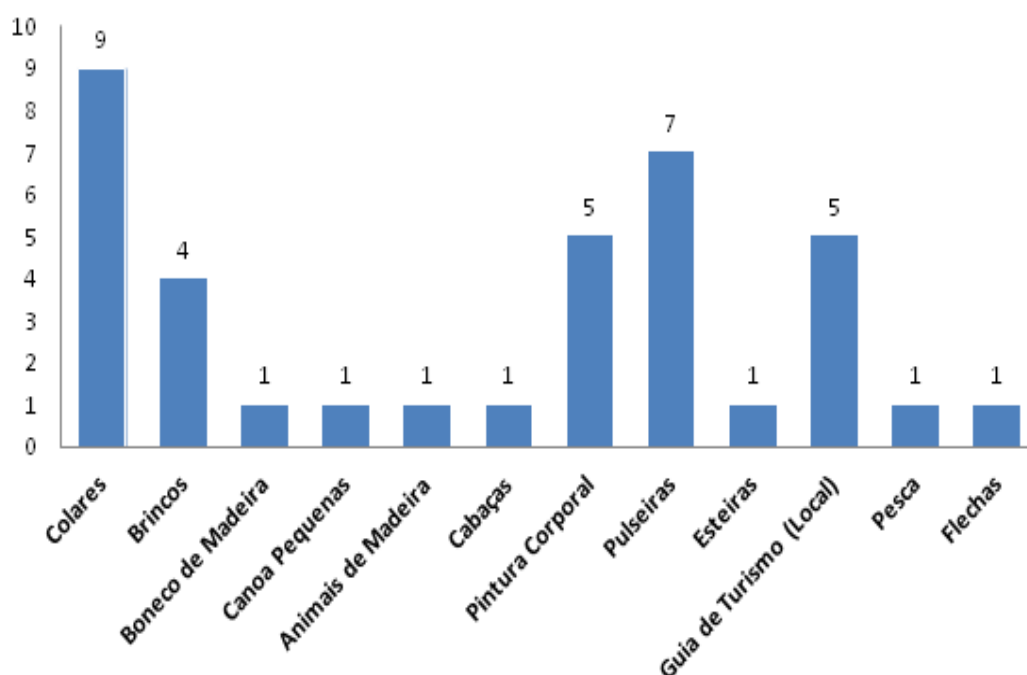
30 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A comunidade foi consultada sobre os tipos de serviços ou produtos que gostariam de oferecer aos turistas visitantes. O gráfico 02 informa que dentre as principais produções de potenciais produtos e serviços na aldeia, destacou-se o artesanato, traduzido em colares, brincos, bonecos de madeira, canoa de madeira, animais de madeira, cabaças, pintura corporal de jenipapo, pulseira, esteiras e flechas. Dentre os serviços a comunidade manifestou o desejo de trabalhar na função de Guia de Turismo ou Condutor Local, e oferecendo experiências através da pesca. Acredita-se que se a comunidade compreender como organizar todas estas potencialidades, poderão trabalhar com o etnoturismo, organizada e capacitados.

Gráfico 3 - Potencial produtivo manifestado pelos Javaés



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Gráfico 04 – Produções já oferecidas pela Aldeia Boto Velho

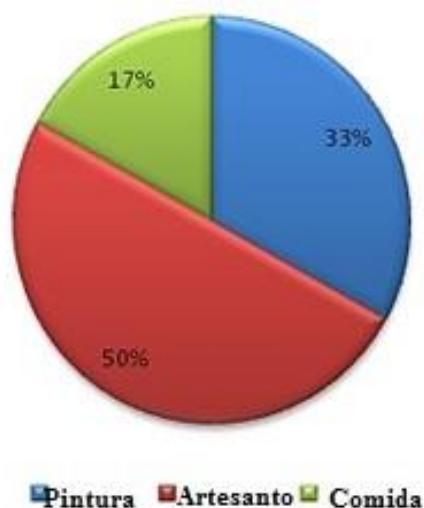


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Por este estudo da pesquisa que foi feita para analisar os principais resultados da venda de artesanatos, a comunidade de Boto Velho quer desenvolver, elaborar e resgatar mais do uso de suas vendas artesanais. Com isso todos sairiam ganhando com esse tipo de serviço. Entende-se que é preciso capacitá-los para entenderem melhor como fazer do uso de etnoturismo ao seu favor, e levar um projeto para que todos participem e compreendam como poderiam se inserir nesse mercado de vendas.

Gráfico 05 - Tipo de Serviço oferecido na Aldeia

Serviços Típicos Oferecidos pela Aldeia



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Análise da pesquisa na comunidade do Boto Velho demonstrou uma rica atividade de turístico, tendo os indígenas querem participar e desenvolver etnoturismo na aldeia.

Com falta de interesse do poder público, a comunidade fica praticamente abandonada e por não terem conhecimento sobre turismo também, possuem com suas belezas naturais, que ocorrer esse tipo de etnoturismo dentro da aldeia, e por oferecer suas riquezas naturais na atividade tende demonstrar a valorização da cultura para que as novas gerações tenham conhecimento e dá valor pela cultura, ao desenvolver essa atividade na Aldeia todos quer organizar e melhorar. Pois

através dessa pesquisa de dados de questionário na aldeia Boto Velho, mostra a importância de organizar atividade turística.

4.2 O funcionamento do turismo na aldeia Boto Velho e o turista que nos visita: Uma coisa só.

Junto ao cacique da Aldeia Boto Velho Wagner Mairea Javaé, relata como funciona o turismo na comunidade. Por ocorrerem visitas turísticas, o cacique conta que a maioria das pessoas vai conhecer a aldeia Boto Velho são do Sudeste, sendo os principais estados São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e também da Capital do País Brasília. Que no mês de julho até outubro aconteceram muitas visitas na Aldeia. Também se encontram atividades de ecoturismo na aldeia, onde a comunidade se organiza e é incentivada pela Associação Natureza Viva da Ilha do Bananal. Um dos grandes atrativos para turistas de todo Brasil é a emoção da pesca esportiva, podendo ser fisgadores de grandes exemplares de peixes tucunaré, pirarucus, piranhas, entre outros.

Com essa prática do uso a comunidade tendo geração de renda e o resgate do pescador. Na aldeia os próprios indígenas fazem tour pela Aldeia, desempenhando a função de condutor local ao lado do profissional de guia de turismo.

4.2.1 Sobre o roteiro na Aldeia

Os visitantes que chegam na Aldeia Boto Velho sempre vêm acompanhados de pessoas ou empresas que já tem boas relações com a comunidade, e estas acontecem principalmente através do cacique Wagner Javaé ou pelo condutor local Leandro Javaé.

Quando chegam na Aldeia os turistas são recebidos pelo condutor local, que os leva para o pequeno roteiro que começa mostrando as casas, rio javaé, a escola da Aldeia, até chegar no Pé de Jatobá, parando na casa mais próxima, onde as mulheres produzem artesanatos para vender. Durante a caminhada o condutor explica sobre a história, linguagem, pintura corporal feita de jenipapo e os artesanatos javaés.

O funcionamento das Visitas na Aldeia Boto Velho é viabilizado comercialmente pelo pagamento de taxa de 50 reais para entrar por pessoa e, 100 reais se for entrar na Ilha do Bananal, sem passar pela aldeia, para a pesca no lago.

4.2.2 Pontos críticos para o Etnoturismo na Aldeia

A infraestrutura na comunidade de Boto Velho, se encontra numa situação de lamentável ausência do poder público, em relação ao problema com saneamento básico que vem aumentando esgoto à céu aberto, coleta de resíduos sólidos e que deixa a desejar quando o visitante vai à aldeia para conhecer os indígenas com seus modos e costumes. O sinal da internet oscila muito, todos navegam ao uso da internet, e também ajuda muito a ter contato rápido com o pessoal responsável da saúde, aos indígenas que se deslocam para a cidade levando pacientes da aldeia. Os próprios indígenas da Aldeia Boto Velho, colocaram internet sem apoio algum de órgão público. Infelizmente, encontram-se nessa questão de desrespeito aos indígenas da Aldeia Boto Velho. Todos merecem respeito e têm direitos iguais a todos que vivem na cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O etnoturismo é uma atividade importante para os povos indígenas que querem desenvolver suas tradições, modos, costumes, rituais e gastronomias. O objetivo do presente estudo na Aldeia Boto Velho foi analisar o uso da atividade de etnoturismo em prática. Sabe-se que todos os javaés desta aldeia querem participar e organizar-se para receber bem os turistas que aí chegam. Para isso, o turismo de base comunitária fortaleceria as tradições culturais dos javaés do Boto Velho. Aldeia têm visitas, mas enfrenta algumas barreiras. Sabe-se que precisa melhorar, explicar e capacitá-los para entender o que é trabalhar com o Etnoturismo.

A normativa Nº 03, de 11 de julho de 2015, ajuda a realizar as visitas para fins turísticos em terras indígenas contando com os povos indígenas e a valorização de suas culturas. Sem esse termo da normativa não há visitas em terras indígenas. Isso é importante para a Ilha do bananal que encanta com suas belezas e paisagens naturais e culturais onde povos indígenas da etnia Karajá e Javaé mantêm suas tradições e mitologias. As dificuldades que mostra o levantamento de dados é a relação ao não terem conhecimento de turismo.

Os resultados da pesquisa em analisar as perspectivas em relação etnoturismo e o turismo de base comunitária foi positivo feito pelo javaés do Boto Velho. Todos querem entender melhor e organizar as atividades para o turismo. Torna-se um importante assunto para ser praticado e orientado para os povos indígenas do Boto Velho. E por fim, essa temática de etnoturismo é importante para os povos indígenas. Em mostrarem suas culturas, manter modos, costumes e da valorização de preservar à cultura.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETTO, M. **Planejamento e organização em Turismo**, Campinas, Papirus, 1991.

BRITO, Telma Medeiros. **Turismo e povos indígenas**. Anhanguera Educacional SA. São Paulo. 2010. Pesquisado em 20.04.19

BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. **Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras**

COSTA, Patrícia Côrtes. **Ecoturismo**. São Paulo, Aleph, 2002

FARIAS, Ivani Ribeiro. **Ecoturismo Indígena – Território, Sustentabilidade, multiculturalismo: princípios para a autonomia**. Tese de Doutorado em Geografia Física – USP. São Paulo, 2008.

FORTUNATO, R. A. e Silva, L. S. (2013). **Os conflitos em torno do Turismo Comunitário na Prainha do Canto Verde (CE)**. Revista Brasileira de Ecoturismo, 6(1),123-138. Disponível em:

<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/481/41>
8.Consultado em: 08/11/2019.

FUNAI, **Funai normatiza Etno e Ecoturismo em Terras Indígenas**. 08 Julho 2015 Disponível em 03/ 12/ 2019:

<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/3334-funai-normatiza-etno-e-ecoturismo-em-terras-indigenas>

GILDARIN, Odair. Org. **A (Trans.) Formação Histórica do Tocantins**. UFG, 2002. Goiás.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007. [Heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/#c154845](https://www.unesco.org/pt/heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/#c154845). Acesso em: abril 2019.

PAIVA, A. T. **Entre dois mundos: saberes nativos e a contribuição dos povos indígenas à cultura brasileira.** In: RESENDE, Maria Leônia Chaves de (org.). **Mundos nativos: cultura e história dos povos indígenas.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2015, p. 145-199. Pesquisado em 08-11-2019.

Âmbito Jurídico, Rio Grande, XVII, n. 121, >consultado em 12/11/2019.

RANGEL, T. L. V. **Meio ambiente cultural e desenvolvimento econômico: o uso dos bens ambientais culturais no ecoturismo:** REVISTA BRASILEIRA EM TURISMO, São Paulo,9(3), pp. 500-518, set/dez. 2015

RODRIGUES, P. de M.; **Terras Indígenas Utaria Wyhyna (Karajá) / Iròdu Iràna (Javaé).** Fundação Nacional do Índio. Brasília, 2008. Consultado em 06-05-2019 [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Java%C3%A9#Fontes De Informa.C3.A7.C3.A3o](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Java%C3%A9#Fontes%20De%20Informa%C3%A7%C3%A3o)

SAMPAIO, C. A. C.; Fernandes, V. e Philippi Junior, A. (2010). **Planejamento e gestão de turismo comunitário sustentável: metodologia PEC e SiGOS.** In A. Philippi Júnior e D. V. de M. Ruschmann, (Eds.). **Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo** (pp. 151-171). Barueri, SP: Manole. Pesquisado em 08-11-2019

SILVA, L. R.s C. da; et.al (2009). **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente.** Disponível em:

http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3124_1712.pdf.
Acesso em: mai. 2019.

SILVA, K. T. P.; RAMIRO, R. TEIXEIRA, B. S. **FOMENTO AO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: A experiência do ministério do turismo.**

ANEXO I - Questionários

Este questionário faz parte de uma pesquisa aplicada ao Trabalho de conclusão de curso em Gestão de Turismo do IFTO.

As perguntas abaixo tem o intuito de conhecer a dinâmica do turismo na Aldeia Boto Velho.

Questionário A: Funcionamento do Turismo na Aldeia Boto Velho

Entrevistado (a): _____

Data: __/__/2019 - Horário: Manhã () Tarde () Noite ()

1-Você sabe o que é turismo?

A. Sim () B) Não ()

2- Você gosta da visita dos turistas na aldeia?

A. Sim () B) Não ()

Por quê?

3- Gostaria que a comunidade do boto velho trabalhasse com o turismo de base comunitária?

A. Sim () B) Não ()

4- Para você que vende artesanato ajudaria a ganhar mais com as visitas de turistas?

A. Sim () B) Não ()

5- Você gostaria de trabalhar com algum serviço para receber bem o turista?

A. Sim () B) Não ()

Se sim, qual?

Questionário B: Atrativos da Aldeia Boto Velho

Entrevistado (a): _____

1-Quais atividades de lazer ou cultura são oferecidas pela aldeia?

2- A aldeia gostaria de desenvolver algum tipo de serviço oferecido que é típico da aldeia?

Questionário C: Os visitantes da Aldeia Boto Velho

I - Perfil socioeconômico

1-Sexo:

a. Masculino () b) Feminino ()

2- Faixa Etária:

a. Até 18 anos () b) Entre 19 a 24 anos () c) 25 a 30 anos ()
d) Entre 31 a 40 anos () e) 41 a 50 anos () f) Acima de 50 anos ()

3- Você é de qual cidade e estado? _____

4- Escolaridade:

() Sem educação formal () Ensino Fundamental () Ensino Médio
() Superior incompleto () Superior Completo () Pós-graduado

5- Atividade principal:

- Emprego setor privado Empresário Dona de casa
 Emprego setor público Estudante Desempregado
 Profissional Liberal Aposentado/Pensionista Autônomo
 Outros. Qual?

6- Renda familiar mensal: (soma dos rendimentos de quem mora na mesma residência)

- até 01 salário mínimo Acima de 7 salários mín.
 De 01 a 03 salários mínimos
 De 03 a 07 salários mín.

II - Comportamento do Visitante

7- Como chegou ao Tocantins? (meio de transporte)

- Avião Carro próprio Moto
 Transporte rodoviário Ônibus de excursão Outro. Qual?

8- Com quem você viaja? (pode marcar mais de uma opção)

- Sozinho Amigos Casal Família - Quantos? _____
 Amigos Colega de trabalho Outros:

9 - Motivo da sua viagem ao Tocantins?

- Lazer Eventos Excursão Trabalho Visitar amigos/familiares
 Saúde Outro?

10 - Tempo de Permanência no Tocantins:

() 01 dia () 2 a 3 dias () 4 a 5 dias () 6 a 10 dias () Acima de 10 dias

III - Percepção sobre a Aldeia

11- É a primeira comunidade indígena que você conhece?

A. Sim () B) Não ()

12 - Como você soube da Aldeia Boto Velho?

() Internet () Indicação de amigos/familiares () Agências de Viagem ()
Outros

13 - O que deseja encontrar na comunidade do boto velho?

14- O que você mais gostou na comunidade boto velho?

15- Através de qual agência do Tocantins ou guia de turismo você chegou na aldeia boto velho?

16 - Já veio à aldeia Boto Velho antes?

a) Sim b) () Não ()

17 - Você gostou da recepção que os índios promoveram na aldeia?

18- O que mais chamou sua atenção na aldeia?

ANEXO II

Coleta De Dados – Aldeia Boto Velho – de 15 a 17 de novembro

Fig. 1 : Coleta de dados junto à turistas.



Foto: Jaimile Cunha

Fig. 02 – O Cacique Wagner Javaé com o Operador de Turismo Local



Foto: Jaimile Cunha

Fig. 03 – Passeio na Comunidade Javaé – Aldeia Boto Velho



Foto: Jaimile Cunha

Fig. 04 – Entrevistados da Comunidade Javaé, Aldeia Boto Velho



Foto: Jaimile Cunha